



# VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 73 — LISBOA, 8 DE OUTUBRO DE 1942  
PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO

De regresso do Vaticano e a caminho de Londres, esteve em Lisboa o diplomata norte-americano Myron Taylor, cuja missão à Europa como enviado pessoal do Presidente Roosevelt é considerada do maior alcance político. Na foto, vê-se Myron Taylor acompanhado do sr. Ministro dos Estados Unidos.

(Foto Seródio)

# CALCADA DA GLÓRIA

## SINFONIA DE ABERTURA

**C**HEGOU o outono. O sol ainda ontem ofuscante tornou-se mais pálido. As clarezas violentas sucederam os ambientes aveludados. Uma oragem viva bate-nos a face. Um leve arrepio toca-nos as mãos. Começam a cair as folhas. Principiam a emudecer os ninhos. Choveu. A terra, sob o ar lavado e fino, adquire uma tranquila nitidez. Avivam-se certos tons verdes. Certos contornos distantes ganham uma vaga expressão geométrica. Repousam os campos no êxtase frio do crepúsculo. Animam-se as cidades no alacre despertar da «saison» que se inicia. Regressa-se da Natureza. Uma mão, erluvada de civilização, prende-nos, domina-nos — e atagarnos. E, entretanto, por todo esse Portugal silvestre, o outono é a mais bonita estação do ano. Dir-se-hia que a paisagem, com a sua luz morena e as suas tonalidades suaves, se torna mais nossa do que nunca. Da névoa lenta dos horizontes, da sombra dormente das colinas, da mancha grisalha dos casais, desprende-se qualquer coisa de doce, de emotivo, de nostálgico, que nos enternece. E se é certo que as paisagens têm, por vezes, flagrantíssimas expressões de Mulher, esta outonal paisagem portuguesa dá-me a impressão duma mulher, resignada e calma, de profundos olhos sonhadores, e em cujo colo suave se desfolha, ternamente, molhos pequeninos de violetas...

## PROFISSÕES

**O** juiz Almendra, falecido há poucos anos, administrava justiça em certa comarca de Trás-os-Montes. Um dia teve de julgar, por ofensas à autoridade, um bebado inveterado.

— Em que se emprega? — perguntou-lhe, como manda a lei.

Logo o réu, com o mais amável dos sorrisos.

— Coveiro. Para o servir, senhor juiz!

## SINCERIDADE

**D**EANTE de certo político que ocupou neste país elevadas situações, dizia alguém, certa ocasião, que o mundo estava de tal maneira que não se podia acreditar — senão metade do que se dizia.

— Peor ainda! — exclamou o político num assomo de sinceridade — Pois se eu mesmo não acredito metade daquilo que digo...

## EÇA DE QUEIROZ

**O** romancista dos *Mais* entrou uma tarde no «atelier» de Columbano e, pouco depois, vislumbrou, sobre uma mesa, um exemplar da *Reliquia*. Pegou nele, folheou-o; deteve-se, uns instantes, numa das páginas; os lábios entreabriram-se-lhe, num sorriso; e repondo o livro no lugar em que ele es-

## CORTEZIA



Na nossa dramaturgia actual o autor da «Zilda» é — quem se atreve a contestá-lo? — o mais «Cortês» dos nossos dramaturgos. Às vezes está de nariz franzido, cara de poucos amigos, o espírito enevoado; pois, nem mesmo nesses momentos amarelos, deixa de ser o «senhor Cortês», o «dr. Cortês», o «dramaturgo Cortês»... Desde pequeno que o teatro constituía o seu sonho. Aos três meses escreveu a sua primeira peça; chamava-se «Ora chucha!»; era uma peça de tese social; e o seu êxito, na companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, prolongou-se por sucessivos anos. Estava lançado. Mais tarde, enveredou ainda por obra de maior fôlego — e escreveu uma revista: «Terra e Mar». Nesse momento atingiu o «zenit» da técnica. E nesse «zenit» se tem mantido, com plena alegria dos seus amigos, dos seus admiradores, do público em geral. Da «Zilda» ao «À la Fé», da «Lourdes» ao «Tá-Mar», das «Saias» às «Calças» — perdão — aos «Gladiadores», cada obra sua, ainda que, às vezes, não seja o chamado êxito de bilheteira, é, sempre, incontestavelmente, a afirmação dum homem de teatro, expressivo, eloquente e sagaz. Alfredo Cortês acaba, porém, de surgir agora sob um aspecto novo: o Cortês, homem de Cinema. O «Ala Arribapertence-lhe literariamente. Eis um título que bem pode adaptar-se-lhe. Daqui em diante Alfredo Cortês passará a ser Ala... Alfredo — sempre Cortês evidentemente...

tava, exclamou para o pintor, entalando o monóculo falcante:

— Ora aqui está uma obra que eu não tenho!

## O QUADRO

**M**ARIO Marques, escritor distinto e humorista scintillante, entrou, uma vez, num *bric-à-brac* e principiou a examinar um quadro que lhe despertou certa atenção.

— É uma coisa linda, não é? — diz-lhe o *bric-à-bragista* — Representa a rainha Cleopatra. Nunca ouviu falar?

Resposta de Mário Marques:

— Não. Eu leio pouco os jornais...

## OS GORDOS E OS MAGROS

**U**M amigo meu, magro como uma vareta de chapéu e vaidoso como um peru trufado, dizia-me, há tempos, que só os magros possuíam talento. Respondi-lhe que Balzac, Alexandre Dumas, Renan, Saint-Beuve, Rossini — para citar apenas os que me lembravam naquela ocasião — eram gordíssimos, o

que os não impediu de ter talento às carradas. Esse meu amigo calou-se, mas não se convenceu. Se, em regra, nós admiramos nos outros precisamente as qualidades que nós possuímos, eis neste homem magro uma magríssima excepção.

## AINDA EÇA DE QUEIROZ

**J**A que falámos de Eça, vale a pena contar um pormenor pouco menos do que inédito, da sua vida íntima. O escritor, quando consul em Paris, pouco convivia. Ao consulado chegavam, com frequência, convites para «isto» ou para «aquilo». Eça de Queiroz agradecia-os, com carinho — mas ficava em casa. Às vezes voltava-se para o vice-consul:

— Porque não vai o meu amigo? — Mas o consul é V. Ex.ª...

E logo o romancista, abrindo a gaveta, tirava a roseta da Legião de Honra.

— Ponha esta roseta... Com ela passa por consul...

## PSEUDÓNIMOS

**A** nova fantasia do Coliseu é firmada por dois pseudónimos: *Braz* e *Pimenta*. *Braz*, pseudónimo de Esculápio, é o pseudónimo dum pseudónimo; *Pimenta* é o pseudónimo de Odracir, outro pseudónimo. Mas os autores reconhecerão tão poucas virtudes na sua obra, que sintam necessidade de se esconder em duas máscaras?

## MÁXIMA

«**D**OS animais ferozes o mais temível é o tirano; dos animais doméstico, o pior — é o li-songeiro» — afirmou Bias.

Exacto! *To bias or no to bias* — como dizem os ingleses...

## A BEATRIZ COSTA

**U**M dia Beatriz viu-se perseguida por certo admirador impertinente. Este, querendo meter conversa e seguindo as boas regras da Arte de conhecer mulheres, exclamou, num sorriso:

— Gosto imenso do seu chapéu...

Imediatamente a Beatriz:

— Pudera! É de palha...

## NO MONTEPIO

**Q**UANDO o dr. José Guerreiro Murta pertencia à direcção do Montepio Geral — onde aliás, prestou excelentes serviços, foi uma tarde procurado por uma pensionista que lhe expoz determinada pretensão. O dr. Guerreiro Murta elucidou-a do documento necessário:

— V. Ex.ª tem de trazer-me a certidão de óbito de seu marido...

— Com muito prazer... — retorquiu logo a viuva.



# Gaiivotas em terra

Mal surgiu este outono, impiedoso e inclemente, entraram a cair as primeiras chuvas e a fazer-se sentir, por esse Portugal inteiro, os primeiros vendavais. Foram-se os dias radiantes de sol, com as suas apoteoses de luz. Foram-se os dias claros, luminosos, de sereno céu azul. As nuvens passaram a adensar-se, a acastelar-se, ameaçando a toda a hora fazer desabar sobre a terra a tempestade furiosa e devastadora. Perante a violência dos elementos, a nossa vida envolve-se de uma maior penumbra, a nossa alma enche-se de uma maior tristeza. E quando o mar ruga e se revolta, até as próprias avesinhas, como essas gaiivotas que se habituaram a sulcar as suas águas como gôndolas brancas — fogem dóle espavoridas, procurando, com o seu esvoaçar sem descanso, abrigo seguro sobre terra firme... — (Foto Seródio).

Vida  
MUNDIAL

# Nesta manhã fresquinha, uma volta pelo Jardim Botânico...

Uma reportagem de Manuela de Azevedo



Rua das Palmeiras. Ao fundo, o monumento ao dr. Bernardino Gomes, médico e higienista que contribuiu para o progresso da botânica.

**V**ENHA daí comigo, Dê-me a sua mão, Vai ver que é engraçado. Está uma manhã fresquinha — talvez fresca de mais — mas, mesmo assim, eu gosto. Parecemos dois colegiais em férias — e nada mais agradável a quem já não estuda, do que essa ilusão de meia meninice...

Cabelos ao vento, uma humidadezinha pegajosa a dar-nos no rosto sem «maquillage» complicada: vida, alegria, mocidade...

Um rócio leve cobriu de noite as fôlhas e os canteiros. Oh! mas está ainda longe o frio janeiroiro. Elas, as plantas, e nós também, podemos reaquecer os nervos, os ossos, neste calor bom de princípio de outono.

E podemos entrar. Não estão ambas as portas abertas? Logo

pela manhã, abriu-se o portão pesado da Escola Politécnica — e o público entrou. Entrou. E ficou. Ficou para gozar o convívio da sua vida nova, que todos os dias se renova, na repetição de um mesmo cenário. Cenários que só as estações mudam, ali no Jardim Botânico.

Aposto que já tinha adivinhado que era ali o passeio matinal? Pois é. E é lindo, agradável, satisfável...

Não tenha medo. Vê aquêlê senhor, nem muito alto nem muito baixo, assim um bocadinho gordo?

É o sr. Luiz Fernandes, chefe dos jardineiros — o jardineiro-chefe, como se diz num arremêdo de francês...

Podia dizer-nos: — «Não, senhores, não há tempo para devaneios nem conversas...»

Mas ele não quer. Presta-se, mesmo, a todas as respostas. Todas — é como quem diz.

Se achasse bem, podíamos começar ali pelas estufas. Nada de extraordinário. Mas tem curiosidade: a baunilha, o ananaz dos Açores — mais pequeno, mas muito saboroso — a «panseviera» que dá juta preciosa, a árvore da quina, a sensitiva que fica horas, medrosa, a abrir as fôlhas em que tocamos com um dedo; a bantaneira, uma loucura de avencas, que dá vontade de levar para casa...

Formam dois corpos, as estufas, onde um sistema especial de ventilação e aquecimento — sistema de tubagem, é como se diz — nos dá permanentes temperaturas da zona temperada quente e da zona tórrida dos trópicos...

E fique sabendo, se não sabia: o nosso Jardim Botânico é um dos melhores do mundo, em espécies. Naturalmente que, lá fora, há jardins gémeos do nosso com outros recursos técnicos, coisas maravilhosas que a mecânica criou para dar a sensação de realidade tropical... Mas o nosso engenho e

arte, a perícia, inteligência e boa vontade de quantos trabalham neste bocadinho do nosso torrão também conseguem milagres de criações... E assim tem que saber. Pois não é verdade que o nosso Jardim Botânico está em contacto com 160 outros Jardins idênticos, espalhados por esse mundo fora?

E claro que a guerra actual veio perturbar muito os serviços de intercâmbio. Por esse motivo, dos 25 a 30 mil cartuchos — que tantos eram — que todos os anos partiam dali para meio mundo, incluindo o Japão, hoje nem metade é expedida. Ainda assim, os países em guerra que têm mais organizada a sua desorganização quotidiana, conseguem manter serviços de intercâmbio, estudos científicos para o progresso da flora.

Além disso, antes da guerra, não eram expedidas só as sementes: iam e vinham as próprias plantas, para estudos de comparação — e nunca ficámos mal colocados, até que foi possível colocarmos ao lado dos melhores...



Num recanto, aquela árvore do papel...



... para ler o jornal, enquanto os miúdos brincam...

Bem. Se quiser, podemos acabar aqui a nossa digressão...

Ah! mas não? Quere continuar? Interessou-se... Vê, que é engraçado?

Então, pronto, vamos ali. Só dois passos e estamos no primeiro andar — o clássico, como lhe chamamos: árvores e arbustos do continente, das colónias, dos Açores. Este é o Jardim primitivo que depois teve de se alargar, levando — transplantando — muitas espécies cá de cima.

Muitas sementes, muitas mudas, são aqui criadas, estudadas nos seus múltiplos pormenores. E seguem, muitas vezes, para outros países, acompanhadas de uma ficha, que é mais completa e diversa do que a ficha dactiloscópica de um cadastro completo e diverso...

Vê aquela «quilaja saponária» tão apreciada no Brasil? Não tem o mesmo valor industrial, por causa das condições do solo e do clima — todavia, junto das quatro mil espécies, daqui, deste Jardim, esta não tem nada o ar de vida transplantada... E é bom que saiba: porque o nosso Jardim Botânico possui as mais ricas e completas variedades em espécies — aqui tem lindos exemplares de coqueiros saudáveis de um amor que nunca conheceram mas que, na sua postura sempre de expectativa, parecem aguardar a sempre noiva Virgínia, o sempre amado Paulo...

Nomes bizarros como este, de coqueiro: «Musa Ventricosa», descoberta em África por Wewitschü, há mais de 50 anos...

E há raridades: a «Stangeria Paradoxa» e o «Coqueiro do Brasil» — este ainda com o jeito protecto

de algum ninho de pássaro garrido da floresta misteriosa...

A árvore do coral, esta de que se fez papel, aquela planta do tabaco, a cana do açúcar...

Ah! repare: vê aqui estas palmeiras? Tôdas queimadas: obra de vândalos, de gente inculta, mau índice moral de um povo — gente que deitou o fogo a essas árvores e que o zelo do pessoal não conseguiu descobrir quem era...

E há também muitos troncos por terra, muitos braços de árvores suplicantes:

— Salvem-nos, salvem-nos! Vítimas do ciclone de 1941. Quinze espécies perdidas — pelo menos, por agora; centenas de árvores derrubadas...

Côres tristes, de um amarelo pálido, de um verde cinza, destacam-se do verde de outras plantas que a seiva ainda percorre. Dão belas sombras, fazem um canto convidativo — o único da cidade, que se recata para lá dos muros. Com excepção do Jardim da Estrela — que melhor pode sonhar a mãe para o seu filho? Nem automóveis na estrada, nem o perigo de «banho» inesperado donde às vezes pode não voltar mais o seu filhinho...

E assim, bem vê, pode ficar à vontade: levar as meias para coser de manhã, enquanto o filho brinca; pode levar o jornal, ler o discurso de Hitler ou as cotações da «bolsa» de Lisboa. Os números não sairão errados, porque a leitura é atenta... Cada canto revela-nos um grupo calmo, uma família pacata. Aqui brinca um grupo de crianças já «amigas». Ali os pais conversam — além um par sonha por entre as árvores solitárias... Há remanso, poesia... e pica-

resco. Podia — não é verdade? — contar-lhe algumas histórias inocentes de crianças pequenas, crianças crescidas e crianças velhas. Mas, para quê, atrapalhar a vida dos outros? É melhor não dizer nada. Que passe, que passe, a mocidade de tôdas as idades — por mim nada direi, e o repórter fotográfico também não. Há homens de mau génio capazes de investir por sua dama — e uma fotografia indiscreta na revista pode ser o prelúdio de um divórcio, o primeiro compasso de uma marcha fúnebre ou de um hino nupcial...

Entretanto, os pares — passam. Mas passam sob a vista dos 12 jardineiros — eram 28 mas o Estado cortou a verba para tamanha despesa — sob a vista de 6 guardas...

Produzir e poupar: o Estado dá o exemplo — dos 40 hectares de terreno que se destinavam ao cultivo de flores, não ficou nada. Ou, antes, poupou-se terreno... que nada produz...

O Jardim fecha às 17 horas. E que pena que assim seja. Ficariámos ali o dia inteiro, não é verdade? Entretanto, como podia ser, se o Jardim que o sr. professor dr. Artur Ricardo Jorge dirige não tem pessoal para desdobramentos de horários na verba para os pagar?

E, afinal, era de tarde — nas tardes lindas de verão — que o Jardim mais devia estar aberto.

Não é à hora do «coché du soleil», quando muitos que traba-

lham podem melhor gozar um pedaço de ar livre? Não é de tarde que tôdas as crianças se vêem livres das obrigações da escola?

Pois é de tarde que se fecha o Jardim Botânico — de tarde, à melhor hora de repouso...

Enfim, nós ambos estamos cansados. Já percorremos a Rua das Palmeiras, vimos a colecção bonita dos ciprestes e pinheiros, a flora dos pântanos... Já subimos e descemos escadas, atravessámos a pontezinha do lago que parece um trecho engraçado de paisagem oriental...


E estamos cansados. Temos aqui um banco amigo a fazer-nos acenos de convite. Sente-se. Feche os olhos. Já percebeu que trago comigo um livro... Se calhar até julgou que fôsse algum romance de capa e espada...

Que tolice! É a história do Jardim Botânico da Escola Politécnica que substituiu o Real Colégio dos Nobres, em 1837, e que dependia, ao princípio, do Ministério da Guerra, pelo que a dirigia um oficial superior...

O Jardim Botânico foi transferido da Tapada da Ajuda, só em 1877.

A estufa, segundo contrato feito em Inglaterra, com a Escola Politécnica — custou 18 contos de réis.

Mas... para que continuar? É melhor voltar para casa. O sol que bate no Jardim quasi todo o santo dia, deu meia volta e está a mandar-nos embora...



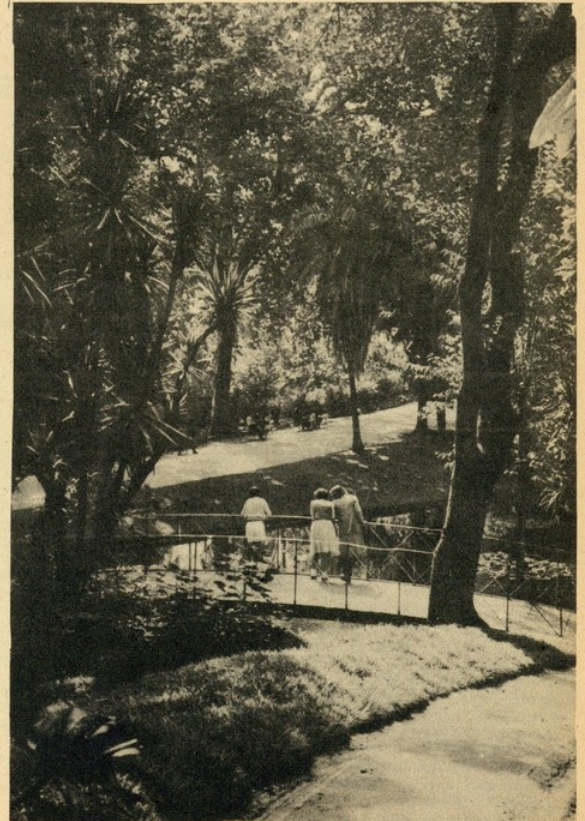
**APRENDA RADIO**

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil

Peca folhetos grátis á

**ACADEMIA NACIONAL DE RADIO**

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12      PORTO



Uma ponte graciosa, sobre as águas paradas do lago...

# A GRAFOLOGIA CHAVE DA PERSONALIDADE?

por Clotilde Randi

**E**

sabido que, ao nascermos, trazemos com uma estrutura física e uma constituição psicológica, certa predisposição para o infortúnio ou para a felicidade. E, assim como esses dotes se cultivam e aperfeiçoam, as condições que deles parecem resultar podem corrigir-se, moldar-se, pela vida adiante, conforme o ambiente e as circunstâncias.

Contudo, encarar a questão com esta simplicidade, corresponderia a aceitar um determinismo, uma fatalidade sem remédio, quando afinal a verdade é que os infelizes podem, até certo ponto, lutar corajosamente para destruir ou atenuar os efeitos da sua ruim estrela. Quanto aos venturosos natos, se não conduzirem a existência em moldes de harmonia, pouco gozarão do precioso legado recebido. Isto é, felizes ou infelizes logram agir só e a sua natureza, gravando hábitos, esculpindo o carácter. Desta maneira, o destino se torna questão de índole e esforço de adaptação à vida, tanto no que diz respeito às coisas, como às pessoas. Vivemos uns dos outros e para os outros, impelidos conscoante a nossa vontade e pensamentos, e também segundo exigências de sociabilidade — imperativos de ordem moral, económica — e tantos outros.

Se conhecermos a alma alheia para organizar uma atitude defensiva ou para colabormos com o nosso semelhante, não nos deixaremos levar, como um tronco pela torrente, condição que impõe o conhecimento simultâneo da nossa personalidade: «Conhece-te a ti mesmo, e conhecerás o universo e os deuses», inscreveram os antigos no pórtico do seu templo.

Para conseguirmos tão amplos objectivos, o maior escolho reside na evidente complexidade íntima do ser humano. E que as variações de colorido nos atributos psicológicos apresentam-se extensíssimas: em certas pessoas predomina a bondade, o desinteresse material; em outras os sentimentos encerram-se sob a crosta de manifestações aparentes do carácter, dissimulando ambições de honrarias, vastas e sem nome. Há também aqueles cujo feito social gera um contacto sem atritos — almas sem artificio.

Surgem, porém, numa franca maioria, os que exigem do nosso lado as maiores cautelas, tanto nos actos como em palavras, sob pena de assistirmos a uma erupção frequente de conflitos, porque esses, dominados pelo orgulho e pela ausência de bondade, irradiam susceptibilidades exacerbadas. Activos, trabalhadores, preguiçosos, mentirosos, sinceros, amáveis, rudes, perversos, indiferentes, passionais, e ainda cada uma destas facetas com características e gradações variáveis, surgem-nos a cada passo na vida.

Desvendar o conteúdo de tantos reflexos de personalidades compostas, representa uma curiosidade de espírito cuja solução é deman-

da há muitos séculos.

Mas, se essa resolução, em definitivo, do problema, parece ainda distante, sem dúvida têm sido carreados largos subsídios para uma compreensão sempre mais ampla dos seus dados e dos elementos que os acompanham.

De entre as tentativas feitas com esse fim, a grafologia oferece por certo as mais prometedoras revelações.

Desenvolvida, depois num sentido mais amplo, ou melhor, enriquecida, veio formar o ramo da psico-grafologia, o qual instalado como ciência, se integrou nesse grupo de conhecimentos tantas vezes útil à aplicação da justiça, às actividades do espírito do comércio, artísticas e profissionais.

De facto, a caligrafia, sendo um conjunto de símbolos destinados a exprimir o pensamento, encerra como se resumisse um complexo de gestos realizados e gravados pelo espírito na marcha para a sua expressão, síntese de actos e atitudes enraizadas no subconsciente desde a infância, e que, por fim, se tornaram automáticos. A forma tão diversa da escrita de cada pessoa traz-nos a revelação de defeitos e qualidades segundo o padrão comum dos conceitos. Por exemplo, a exaltação que nos leva a erguer os braços, obriga-nos a escrever hastes de letras elevadas; e inversamente, a avidez excessiva revela-se por traços egocêntricos, finais de letras reviradas, ganchos e tantos outros pormenores igualmente a considerar. Fisionomias inexpressivas, palavras fleugmáticas, enfim, o temperamento calmo apresenta-se na escrita arredondada, pausada mas fluente, ou simulada como resultante do auto-domínio.

Quando a par duma caligrafia direita aparecem traços demasiadamente desiguais, existe nervosismo inequívoco. Aliás, os exemplos multiplicam-se e seria impossível desdobrar tão vastos e, por vezes, difíceis pormenores num ligeiro ensaio. Mas uma conclusão se patenteia e pode resumir dizendo-se que o conjunto dos traços duma escrita, por cima da vontade do seu autor, não pode ser alterada.

Se existem caligrafias de di-fícil, também é certo ser impossível manter sem quebra um desenho simulado. A verdadeira personalidade revela-se como a luz por entre as frinchas do carácter humano. E a tal ponto se têm mostrado seguras estas conclusões que se pode dizer ser um texto e uma assinatura não só a marca de garantia pessoal, como a reprodução duma maneira de ser. — Os grandes informadores da psicologia individual, Mercé dos progressos da grafo-psicologia, foram desmascarados muitos dos esconderijos dos defeitos e taras humanas; descobertos indícios preciosos sobre a conduta de muita gente

A grafo-psicologia parece ser a chave da personalidade humana



## Emissões dos ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

| Horas | Estações | Dias                | Ondas curtas         |
|-------|----------|---------------------|----------------------|
| 8.15  | WDJ      | 3.ª feira a Domingo | 31.02 m ( 9,67 mc/s) |
| 8.15  | WRCA     | Todos os dias       | 39.7 m ( 7,565 mc/s) |
| 8.15  | WNBI     | Só 2.ª feira        | 25.23 m (11,89 mc/s) |
| 9.30  | WRCA     | 3.ª feira a Sábado  | 31.02 m ( 9,67 mc/s) |
| 9.30  | WNBI     | Só 2.ª feira        | 25.23 m (11,89 mc/s) |
| 19.30 | WDO      | Todos os dias       | 20.7 m (14,47 mc/s)  |
| 20.30 | WRCA     | Todos os dias       | 19.8 m (15,15 mc/s)  |
| 20.45 | WGEA     | 2.ª feira a Sábado  | 19.56 m (15,33 mc/s) |
| 22.30 | WGEA     | Todos os dias       | 19.56 m (15,33 mc/s) |
| 22.30 | WDO      | Todos os dias       | 20.7 m (14,47 mc/s)  |

## OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



## EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

| Horas          |   |
|----------------|---|
| 11.45.....     | { 24.92 m. (12.04 mc/s)<br>19.76 m. (15.18 mc/s)                          |
| 13.15.....     | { 31.75 m. ( 9.45 mc/s)<br>24.92 m. (12.04 mc/s)<br>19.76 m. (15.18 mc/s) |
| 22.00 (*)..... | { 31.75 m. ( 9.45 mc/s)<br>40.98 m. ( 7.32 mc/s)<br>41.75 m. ( 7.18 mc/s) |

(\*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



Está marcada para o princípio do próximo mês de Novembro a data da eleição de novos deputados. A lista dos candidatos foi já tornada pública. O «cliché» mostra-nos um aspecto do acto da entrega das candidaturas para a próxima sessão legislativa, na Procuradoria Geral da República.



Foi há dias recebido com tôdas as honras na sede da Federação Portuguesa de Futebol o sr. tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto, novo Director Geral de Educação Física e Desportos, que se fez acompanhar nessa visita pelo sr. tenente António Cardoso, chefe de repartição dessa nova Direcção Geral.



Dois aspectos da passagem por Lisboa do embaixador norte-americano Myron Taylor, enviado pessoal de Roosevelt. Myron Taylor à sua chegada, com o embaixador dos Estados Unidos em Portugal, e no Patriarcado, com Sua Eminência o Cardinal Patriarca.



Apresentaram há dias em Belém as suas credenciais os srs. Ministros da Bulgária, Tailândia e Venezuela, que as fotos acima nos mostram, respectivamente da esquerda para a direita.

# GRAMOFONES

## "His Master's Voice"

Modêlo 97 — 800\$00

Modêlo 102 — 1.000\$00

♦ ♦ ♦

Com o gramofone tem-se a música que se quiere, quando se quiere e onde se quiere

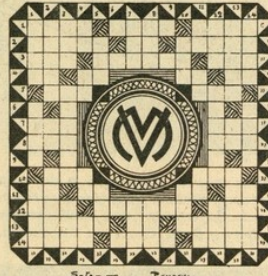


♦ ♦ ♦

EST. VALENTIM DE CARVALHO  
Rua Nova de Almada, 97

# PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 42



**HORIZONTAIS:** 1 — Trago; Parente; Arrolha. 2 — Inchação; Depois; Valentão. 3 — T. da Índia Port. serviço; Cercado; Ainda. 4 — Modo; Único; Ingrata; Póreo. 5 — Bebedeira; Milho. 7 — Apologia; Singular. 8 — Cavo; Fogão. 10 — Resplendor; Experiência. 11 — Onde; Gemido; Do que; Imagina. 12 — Rochedo; Fraude; Descer. 13 — Nave; Raia; Amável. 14 — Rua de árvores; Pancadaria; Onde os.

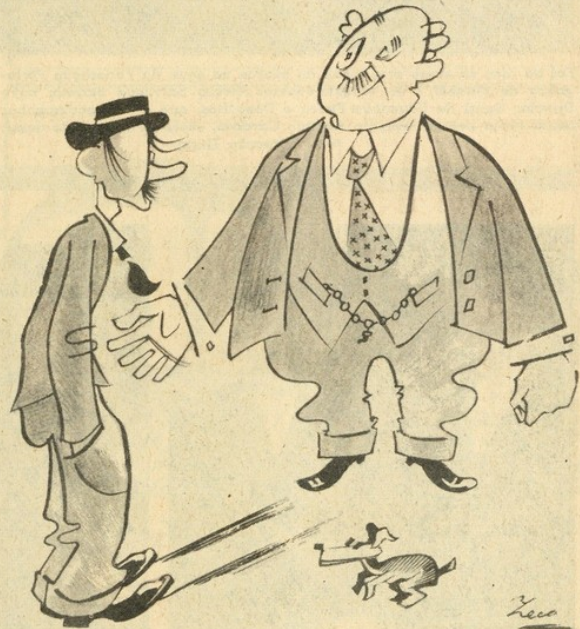
**VERTICAIS:** 1 — Corcunda; Esperto; Digna. 2 — Perfumado; Bêrco; Condicionalmente. 3 — Autoridade; Cântico; Salvé. 4 — Preposição; Sua; Afinal; Distava. 5 — Bagatela; Baixo. 7 — Rancor; Circulo. 8 — Raiva; Duodécima parte do ano. 10 — Semelhança; Goteira. 11 — A ti; Falange; Uma; Ali. 12 — Riba; Alimentação; Talveque. 13 — Tarifa; Nada; Ovelhum. 14 — Sem sabor; Cacete; O amor.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 41

**HORIZONTAIS:** 1 — Zaire; Mi-nho. 2 — Raia; Arua. 3 — Ba-las; Somas. 4 — Elena; Apito. 5 — Vic; Rico. 6 — Orla; Anan. 7 — Iria; Fadar. 8 — Scara; Amora. 9 — Bula; Tara. 10 — Timor. Odora.

**VERTICAIS:** 1 — Bc; Is. 2 — Ar; Alvoe; Bi. 3 — Ia; Leiria; Um. 4 — Ri; Anelas; Lo. 5 — Ea; Sa-rara; Ar. 6 — Má; Saraça; Tô. 7 — Ir; Opinam; Ad. 8 — Nú; Micado; Ro. 9 — Ha; Atonar; Ar. 10 — So; Rã.

## O SORRISO DAS QUINTAS-FEIRAS



O SOGRO — Eu quando me casei também queria devorar a minha mulher com beijos...  
O GENRO — E então agora?  
O SOGRO — Agora... lamento não o ter feito!...



NOVO HORÁRIO  
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA  
TODOS OS DIAS

| Horas                        | Estações     | m.       | Kc/s        |
|------------------------------|--------------|----------|-------------|
| 8.50 Noticiário              | 2 RO 4       | m. 25.40 | Kc/s 11.810 |
|                              | 2 RO 21      | m. 19.92 | Kc/s 15.060 |
| 12.20 Comunicado<br>Q. G. I. | 2 RO 8       | m. 16.84 | Kc/s 17.820 |
|                              | 2 RO 17      | m. 15.31 | Kc/s 19.590 |
| 14.10 Noticiário             | 2 RO 7       | m. 16.88 | Kc/s 17.770 |
|                              | 2 RO 21      | m. 19.92 | Kc/s 15.060 |
| 22.40 Noticiário             | 2 RO 11      | m. 41.55 | Kc/s 7.220  |
|                              | 2 RO 22      | m. 25.10 | Kc/s 11.950 |
| 22.40 Noticiário             | Ondas médias |          |             |
|                              |              | m. 221,1 |             |
|                              |              | m. 263,2 |             |
| 0.00 Noticiário              | 2 RO 6       | m. 19.61 | Kc/s 15.300 |
|                              | 2 RO 18      | m. 30.76 | Kc/s 9.760  |
|                              | 2 RO 19      | m. 29.04 | Kc/s 10.330 |

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

|                      |          |             |
|----------------------|----------|-------------|
| 21.20 (Domingo)      | m. 25.70 | Kc/s 11.691 |
| 21.20 (Quarta-feira) | m. 30.52 | Kc/s 9.830  |

Vida **MUNDIAL** ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 26942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —



Mais um interessante  
número de

# Signal

Sumário do n.º 19: São assim os granadeiros blindados—«Tanks» britânicos: o que deviam realizar, e o que realizaram—Um combate nocturno: «tanks» contra «tanks»—Bombas voadoras de profundidade—Três nações na pista de descolagem—Odiado e amado: a história de uma invenção.

Assunto Português: «Entre seis graus de latitude».

Muitas ilustrações—Páginas a cores

Exemplar Esc. 2500

Distribuição de:

**Agência Internacional**

Rua de S. Nicolau, 119

LISBOA

## COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

PAQUETE

**LOURENÇO MARQUES**

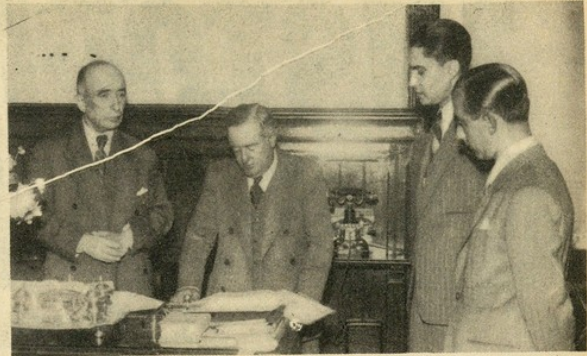
Sairá no dia 14 de Outubro, pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

IMPORTANTE—A carga será recebida até às 20 horas do dia 10 e depois desta data até às 18 horas do dia 13 com o aumento de 20 %

PARA ESCLARECIMENTOS E MAIS INFORMAÇÕES

Sede: Lisboa—R. do Comércio, 85—Telef. 2 3021 (6 linhas)  
Sucursal no Pôrto—R. Infante D. Henrique, 73, r/c. Telef. 1434



Um instantâneo do acto da posse, perante o enfermeiro-mor dos Hospitais, dos novos médicos urologistas dos Hospitais Cívis, sra. dra. Henrique da Costa Alemão Teixeira e Humberto de Fontoura Madureira.



Na Câmara Municipal de Sintra, realizou a sr.ª D. Judite Magiolly Serra Ribeiro, conhecida jornalista, uma interessante conferência sobre campesimo, que constituiu um verdadeiro êxito. Em cima, a distinta conferente. Em baixo, a mesa que presidiu à cerimónia, constituída pelo sr. Governador Civil de Lisboa e presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Sintra.

# Adler

a revista da Arma Aérea Alemã

Publica no n.º 19: «Stuka» contra concentração de carros blindados e camiões soviéticos—Bombas pesadas para Inglaterra—As lutas pela cidade de Stalin—Como fracassou em Dieppe o intento da invasão, e outras crónicas sensacionais.

32 páginas ilustradas por Esc. 1850

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XIV A rivalidade de alemães e russos

4

### A BULGÁRIA NA ÓRBITA DO REICH



INTRETANTO as negociações entre a Turquia e a Bulgária prosseguiram activamente. A 17 de Fevereiro foi publicada uma declaração conjunta e depois revelado o acôrdo a que os dois países tinham chegado, o qual era assinado por Sarad Joglu, ministro turco dos Estrangeiros, e pelo ministro búlgaro em

Ankara. Esse acôrdo estabelecia o seguinte:

1.º A Turquia e a Bulgária consideravam-no como a base imutável da sua política externa e declaravam o propósito de respeitarem mutuamente a sua independência e soberania.

2.º Os dois governos, inspirados em intenções amigáveis, declaravam-se resolvidos a manter e desenvolver as suas relações confiantes e de boa vizinhança.

3.º Os dois governos declaravam-se prontos a desenvolver as relações comerciais nos limites compatíveis com os seus recursos.

4.º Os dois governos manifestavam a esperança de que a Imprensa dos seus países passasse a inspirar-se na mútua amizade e confiança, que era a regra das suas relações políticas.

O sr. Sarad Joglu aludiu, nessa altura, ao acôrdo, como a um «modesto documento».

Esse acôrdo, garantia que a Bulgária não atacaria a Turquia (e talvez a Grécia) sózinha ou em colaboração com a Alemanha. Mas não ia além disso. Não afirmava que a Bulgária continuava a ser neutral no caso do seu território ser utilizado como base militar nos Balcãs. Por outro lado assinalava um esforço por parte da Turquia para animar a Bulgária a permanecer neutral e independente. O preâmbulo continha a significativa reserva de que não afectaria as anteriores obrigações contratadas por qualquer dos países, se bem que a propagação alemã procurasse provar que a Turquia tinha abandonado a aliança britânica.

Em 1 de Março, o professor Filov dirigiu-se a Viena, onde deu solenemente a assinatura do seu país ao pacto tripartido. No discurso que então proferiu, o professor Filov, declarou que a Bulgária se unia ao «Eixo» afim de contribuir para que se estabelecesse uma nova ordem na Europa, e acrescentou que continuaria fiel aos seus compromissos anteriores e desenvolveria as relações de amizade que tradicionalmente mantivera com a U. R. S. S. Ribbentrop, em resposta a este discurso, acusou a França e a

Inglaterra de terem desencadeado a guerra, não se referindo, porém, à Polónia. «A Grã-Bretanha, conciuu ele, está agora em face da derrota. O seu poderio é insuficiente. A verdade é que o Império britânico está em decomposição. Nos próximos anos as mentiras britânicas darão lugar aos factos alemães.»

Uma retidão extraordinária do Parlamento búlgaro ratificou a adesão dada.

### DECLARAÇÕES DE FILOV

O professor Filov declarou, nessa ocasião, que a Bulgária «tinha aderido ao Pacto tripartido em virtude da pressão dos acontecimentos que tinham criado uma nova situação nos Balcãs». Acrescentou que a presença de tropas alemães na Bulgária não tinha alterado a política búlgara e que a Alemanha tinha reconhecido a validade dos tratados que a Bulgária assinara com os seus vizinhos e o recente acôrdo turco-búlgaro.

Para atravessarem a Bulgária, os alemães lançaram três pontes em Vindin, Lom (Lum) e Russ. Por elas passaram importantes forças de «tanks», infantaria e artilharia que se encaminharam para a fronteira da Grécia. Uma força que partiu do sul do Dobruja ocupou o porto de Varna, no Mar Negro. Os soldados alemães não se aproximaram da fronteira turca. Os seus quartéis-generais foram estabelecidos em Cham-kurya, na zona montanhosa do país. Entre os elementos categorizados do exército e da política que contribuíram poderosamente para estreitar as relações do seu país com o Reich, contavam-se o general Hajipetkoff, chefe do Estado Maior, e o chefe do governo, professor Filov.

Quanto à acção pessoal do rei Boris, durante a evolução destes acontecimentos, as opiniões encontram-se divididas. Há quem afirme que o soberano se viu na necessidade de tomar uma atitude pró-alemã em virtude das pressões que se exerciam à sua volta. Há, porém, quem tenha opinião diametralmente oposta.

Quando se despediu do embaixador inglês Rendell, o rei Boris teria dito que não encontrara outra solução para as dificuldades em que o seu país se debatia, referindo-se ao pouco interesse que os homens de Estado britânicos, e especialmente o sr. Chamberlain, tinham prestado à causa búlgara. Em seguida à adesão da Bulgária ao pacto tripartido, o embaixador búlgaro em Londres, Montchilov, amigo pessoal do soberano, pediu a sua demissão.

Os observadores neutrais consideravam que a Bulgária tinha quatro cominhos abertos na sua frente. O primeiro era a conclusão de um acôrdo militar defensivo com os turcos, gregos e jugoslavos, afim de, em comum, salvaguardarem a sua posição de neutralidade. Os gregos estavam, porém, em guerra e os outros povos acima indicados encontravam-se mal armados e equipados. Mas se o acôrdo se tivesse feito, é possível que o Estado Maior alemão hesitasse perante a perspectiva duma campanha em terreno montanhoso, onde as forças mecanizadas não podiam desempenhar o mesmo papel que desempenharam na França e na Bélgica. Naquela hipótese tratava-se para os alemães de abrir uma nova frente de ba-



O embaixador inglês Rendell ao abandonar Sofia, com sua esposa

talha numa região vital para os interesses soviéticos.

#### A U. R. S. S. E A BULGÁRIA

Em segundo lugar a Bulgária poderia ter concluído um acordo defensivo com a U. R. S. S. mas o governo russo não fez, a esse respeito, propostas formais. Enviou a Sofia um dos seus mais categorizados diplomatas, Sobolev, mas este não era portador de qualquer proposta concreta do governo soviético.

A terceira solução consistiria em aceitar a ocupação alemã, ressaltando a sua posição futura, como fez a Dinamarca.

Finalmente a Bulgária podia aderir, pura e simplesmente, à política do «Eixo», ligando os seus destinos aos destinos da Alemanha e enviando os seus soldados para o campo de batalha.

Destas soluções, a primeira parecia praticamente inaceitável para uma nação que vivia em grande parte sob a impressão das dolorosas recordações dum passado que para ela tinha sido fértil em desastres e desilusões.

Por outro lado os chefes do exército búlgaro opunham-se a qualquer pacto com a Rússia. Tanto eles, como o rei e o governo, se recordavam do que sucedera à Estónia, à Letónia e à Lituânia e esta circunstância exerceu uma influência decisiva nas resoluções que tomaram.

O enviado russo, Sobolev, não tinha feito propostas concretas ao governo búlgaro e a U. R. S. S. não lhe prometera claramente qualquer apoio material. O governo soviético encontrava-se ainda nessa altura especialmente preocupado com a ideia de evitar um rompimento com o Reich. Logo, porém, que a Bulgária deu a sua adesão ao pacto tripartido e consentiu na passagem das tropas alemãs pelo seu território, a agência Tass transmitiu para todo o mundo uma declaração oficial em que se afirmava que o governo da U. R. S. S. não sancionava a atitude do governo de Sofia nem, de futuro, prestaria a este qualquer auxílio.

O governo búlgaro não escolheu igualmente nenhuma das outras alternativas, preparando uma solução de compromisso que conduziu, pouco depois, ao rompimento das relações diplomáticas com a Grã-Bretanha e à hostilidade, mais ou menos clara, dos soviéticos, não tendo a contrapartida dum apoio ostensivo do «Eixo». Ao ministro britânico, Rendell, disse o rei Boris que a responsabilidade dos acontecimentos devia, em boa parte, ser atribuída à atitude dos homens de Estado britânicos que ocupavam o poder quando da realização da sua viagem oficial a Londres, nas vésperas da eclosão da guerra.

#### REVISÃO NECESSÁRIA

A adesão da Bulgária ao pacto tripartido e a entrada de tropas alemãs naquele país veio criar, nos Balcans, uma situação inteiramente nova. Nova sob o ponto de vista político e nova sob o ponto de vista estratégico. Os chefes das nações balcânicas que ainda se não encontravam envolvidos em hostilidades ou que não tinham solidarizado os destinos dos seus povos com as potências do «Eixo», viam-se na necessidade de rever a sua posição à luz dos novos acontecimentos. Era sobretudo em Belgrado que incidiam as atenções gerais.

Entretanto a evolução búlgara completava-se. A atitude da U. R. S. S. e da Grã-Bretanha perante essa evolução foram bastante diversas e diversas as reacções destas duas grandes potências. Mas o episódio búlgaro, em primeiro lugar, como depois o episódio iugoslavo, serviriam para testemunhar a identidade transitória dos interesses anglo-soviéticos perante o crescente poderio do Reich. Esses episódios contribuíram, simultaneamente, para demonstrar que os pontos de vista do Reich e da U. R. S. S., que já se haviam revelado incompatíveis nos países bálticos, eram igualmente incompatíveis na zona nevralgica dos Balcans. Tanto em Berlim como em Moscovo procuravam, porém, evitar um rompimento definitivo e de incalculáveis consequências. A oposição diplomática, que tomara uma expressão sintomática com a publicação da nota da agência Tass, seguiu-se-lhe a luta armada. E dum e do outro lado havia o receio compreensível de precipitar essa luta, dados os preparativos gigantesco que ambos os países tinham feito e que começavam a traduzir-se pela existência de poderosas concentrações ao longo da fronteira



Ribbentrop, ministro dos Estrangeiros do Reich, discursando em Berlim

comum. O caso da Grã-Bretanha era diferente. Este país declarara a guerra ao Reich e mostrava-se decidido a conduzi-la a uma decisão final. Todos os aliados do Reich se tornaram automaticamente seus inimigos. O caso da Bulgária, quaisquer que fossem as considerações de ordem particular que suscitasse em Londres, não podia fugir a esta regra. Por isso o governo britânico, ao contrário do que aconteceu com o governo soviético, se decidiu a tomar imediatamente posição no caso da entrada das tropas alemãs em território búlgaro.

#### A ATITUDE DA GRÃ-BRETANHA

O ministro da Grã-Bretanha em Sofia, Rendell, recebeu instruções concretas para, logo que chegasse o momento oportuno, anunciar o rompimento das relações diplomáticas entre o seu país e a Bulgária. Em Londres predominava, porém, a convicção que a demora do sr. Rendell na capital búlgara podia ser proveitosa, pois o prolongamento dessa demora podia representar a recolha de informações, no local, a que o governo inglês atribua certa importância. Outro motivo que justificou durante algum tempo a permanência do sr. Rendell em Sofia foi o desaparecimento misterioso dum funcionário da legação britânica, de nome Grenevitch, o qual, segundo se dizia, tinha sido raptado de um comboio quando viajava. Como a situação se agravasse e, a 4 de Março, as tropas alemãs tivessem começado a entrar em território búlgaro, o governo de Londres reconheceu que nada mais havia a fazer em Sofia e ordenou ao seu representante nesta

cidade que entregasse ao professor Filov uma nota concebida nos seguintes termos:

«No seu discurso proferido na Câmara, o chefe do governo búlgaro declarou aceder ao convite que lhe fora feito para aderir ao pacto tripartido e que, em consequência disso, fora dada autorização para que as tropas alemãs entrassem na Bulgária. Este último facto já se verificou.

«Segundo disse o sr. Filov, o governo alemão declarou que a presença de tropas alemãs em território búlgaro era temporária e que a essas tropas incumbia a missão de assegurarem a paz na região balcânica. O governo de S. M. entende que a paz nos Balcans se não encontrava ameaçada por qualquer potência e considera que as razões evocadas pelo governo do Reich não passam dum simples pretexto que serve para mascarar as suas intenções agressivas. A natureza dos movimentos militares realizados pelas tropas alemãs nos Balcans não deixa a mais pequena dúvida quanto aos seus verdadeiros propósitos. Trata-se de atacar a Grécia, aliada da Grã-Bretanha, e para isso se estão fazendo todos os preparativos.»

A nota britânica não deixava, portanto, qualquer dúvida quanto ao pensamento oficial de Londres.

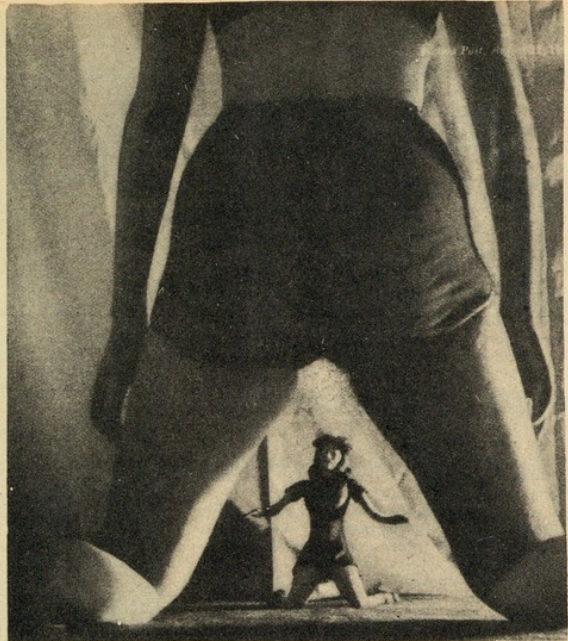
#### CORTE DE RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

A referida nota prosseguia nestes termos: «Com o acordo que acaba de realizar com o governo alemão, o governo búlgaro facilitou (Conclue na página 18)

# Imagens pitorescas do MUNDO



A boneca e a dançarina praticando juntas a sua difícil arte de bailar...



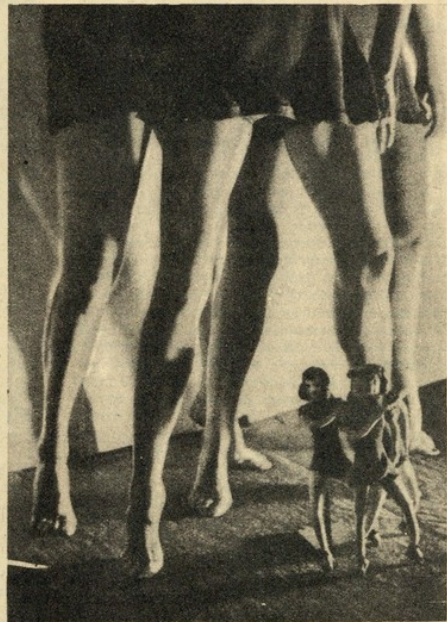
Esta aluna da arte da dança aprende com a boneca a posição correcta que tem de tomar para o seu movimento ritmico resultar perfeito...

## AS BONECAS, PROFESSORAS DE DANÇA



Um grupo de bonecas e um grupo de alunas — tôdas bonecas, afinal... A mesma atitude, a mesma arte — mas só com uma diferença a distingui-las — umas têm alma e outras não a têm...

As bonecas para o estudo da dança, são velhas como a história. Primeiro, como modelos de trajos. Actualmente, como ensino da técnica dos movimentos musculares. Vejam, por exemplo, esta página: nela vemos a professora inglesa de dança, Sara Mildred Strauss, «trabalhando» com as suas bonecas, vestidas como modelos, e colocadas nas mais diferentes posições — tôdas as posições exigidas pelo ritmo da dança. Ela utiliza-as no seu ensino — e mercê delas se têm feito algumas das mais famosas bailarinas de Inglaterra. Parece impossível, mas é assim mesmo: essas bonecas constituem hoje uma verdadeira escola — uma escola de arte.



Outra atitude — e outro estudo de posição e de atitude. E, afinal, sempre as bonecas a ensinar, a fazerem escola. — a ensinar a arte às próprias artistas...



# Os ingleses no **DESERTO EGIPCIO**

Estes dois grandes chefes militares são o general Sir Harold Alexander e o tenente-general Bernard Montgomery, que comandam as tropas imperiais no norte de África. E neles, na sua experiência e na sua energia, nos seus méritos de comando e no seu saber estratégico, que a Inglaterra confia para expulsar do Egito as tropas de Rommel, eliminando de vez a ameaça germano-italiana contra Suez. Tudo faz prever, que com o próximo afluxamento da batalha na Europa, se recenderá com a maior violência a batalha do deserto. Reforços consideráveis em homens e material se acumulam de parte a parte. Mas da sorte dessa batalha é a supremacia do comando que possivelmente irá decidir — e, nesta altura, Rommel tem contra si dois generais de grande valimento, Alexander e Montgomery. Todos três grandes chefes militares — são bem todos dignos uns dos outros. Um já deu as suas provas. Os outros dois esperam dá-las em breve — e, com elas, a vitória definitiva à Inglaterra. Entretanto, o mundo angustiado aguarda...

Panorama internacional

# AO FIM DAR dum prazo

por Francisco Velloso

**Q**UANDO estas linhas de apontamentos forem publicadas, mais aproximadamente estaremos dos factos que ao longo do outono e até à primavera vão pôr à prova os grandes rasgos e o potencial das Nações Unidas. A medida, porém, que o tempo se esvai pelo gargalo da ampulheta o mesmo destino histórico da Europa que levanta a importância transcendente do seu Ocidente, nesta crise catastrófica de transformação mundial, põe em destaque a alma da gloriosa França. A linha que vem de Washington, por Londres, a Moscovo, já passa em Paris. São horas de se olhar para a velha Gália.

DE MAURRAS A LAVAL



MAURRAS

A notificação do governo de Washington ao de Vichy, por via diplomática, de que o fornecimento de mão de obra francesa à Alemanha constitui um auxílio tal ao inimigo, que só por si determinaria atitudes que não podem deixar de considerar-se como de represália; e o facto de essa notificação quasi cominatória ter sido feita na mesma altura em que, para defesa da África do Sul e das suas vias de abastecimento pelo Índico aos exércitos aliados do Próximo Oriente, da Rússia e da Índia, se acelerava a operação expedicionária para ocupação da ilha de Madagascar pelas tropas britânicas, depois da desaprovação por Laval da iniciativa de armistício tomada pelo governador Anet perante Sir William Platt, — vieram repor em cena, e à luz mais viva, a situação actual da política externa e interna francesa e as suas orientações.

Este mesmo incidente comprova que Laval — ganha a primeira mão em Berlim, fazendo recuar a execução imediata das reclamações italianas, como aqui narrámos em devido tempo — manteve desde então a linha da sua acção de emérito manobrador. Antes da subida de Laval ao poder, Maurras e os tradicionalistas denominados integrais formavam a coorte do poder ditatorial contra os grupos republicanos de Clermont-Ferrand, cujas opiniões aparecem continuamente nas páginas do «Temps» com maior ou menor vivacidade, e contra Spinasse, Doriot e Déat, que representavam com um programa colaboracionista, à esquerda, os clans da opposi-

ção. Após o advento de Laval as pedras do taboleiro mudaram. Maurras, sublinhando o carácter militar do regime, com a base na obediência indiscutível ao chefe (o marechal Pétain) preconizava, como vimos, a contra-revolução autoritária, anti-democrática e, segundo a sua própria e já velha expressão, «monárquica», antes de poder ser «monárquica». O Conde de Paris, actual pretendente ao trono francês, que antes da guerra desautorizara ruidosamente a «Action Française», veio afinal, como todos os príncipes de Europa, aderir ao marechal Pétain contra os ingleses. Sob o ponto de vista da política externa, o doutrinador da monarquia inventou uma palavra o «attentisme», tirada do verbo «attendre», esperar — entre o seu nacionalismo integral, a sua antiga germanofobia e a sua fidelidade política ao marechal — e adoptou uma expressão como «divisa», «Seule France», só a França, ou tudo pela França. Considerando imprevisível o desfecho da guerra, sacando da velha panóplia de vez em quando, o se a censura lho consente, a sua antiga hostilidade à unidade alemã (ainda a 10 de Julho passado clamava que numa Europa germanizada, a França teria de pagar, durante séculos, o dízimo de vencida ao vencedor, o que é absolutamente verdadeiro), Maurras ataca os defensores da colaboração a todo o transe, os Déat e os Doriot, e prefere que a França não se ligue a qualquer dos blocos, tente passar pela frincha das neutralidades em bambocantes equilíbrios, aproveitando ao máximo as circunstâncias, e procure um meio termo, como há pouco dizia Thierry Maulnier, entre o autoritarismo totalitário e a liberdade da democracia.

Durante anos, com altos e baixos, a pendulação de Vichy foi essa, tentando salvar o nacionalismo possível contra as intimidades dos vencedores que, diga-se, só houveram de contemptrizar por causa da necessidade das reservas económicas da França, dos movimentos de opinião recrescentes de violências, e principalmente da campanha na Rússia que instabilizou toda a guerra.

É compreensível, à vista disto, qual a atitude do grupo de Clermont-Ferrand, fiel a uma devoção republicana anti-ditatorial e ao livre sufrágio, e bem assim a do grupo colaboracionista do «Effort», o jornal de Déat.

Laval, repetimos, ganha aquela primeira «touche», que o ligou de defensor do território, ganha também, finalmente, a plena identificação submissa do marechal à sua política, deitou, por terra toda a sua concepção maurrasista.

É de recordar que pouco antes de tomar o poder, o político francês, em entrevista prógra a necessidade de restaurar no país

um regime socialista, citando os princípios estatistas do figurino alemão. Era de facto esta a sua fachada, e a posição mais hábil para negociar com o marechal Goering, de combinação com Abbaz, a transformação e a readaptação convenientes em França.

O NOVO REGIME



LAVAL

através de tantas e complicadas viragens e reviravoltas, pode agora ver-se como Laval desenhava os contornos da sua política de manobra numa série de medidas, a última das quais foi a da abolição do parlamento francês, a substituir quando lhe fôr oportuno por uma assembleia pseudo-sindical de nomeação, raso que provocou sustos na gente do «Temps» e dois violentos protestos, que ecoaram na América e na Inglaterra, de Herriot e de Leanneney.

Assegurando-se da plenitude dos poderes e postos de comando (acaba de tomar os de demiitr funcionários) Laval, defendido agora por Deat, remonta ou pretende remontar a máquina a seu talento e feição. Coloca à testa da Legião homens seus (Lachal e Demand) e o mesmo faz na polícia (Hillaire, Bousquet e Bussiére), dando à primeira unicamente uma incaracterizada missão moral e cívica, sem cunho militarista, nem anti-bolchevista, e colocando à mercê do Ministério do Interior a gendarmaria e as guardas móveis, todas formando as suas guardas de corpo sob a bandeira tricolor. Vai buscar antigos prefeitos. Capta assim parte das opiniões de Clermont Ferrand, ao tornar a dar, contra os militares, a supremacia política aos civis. Ao mesmo tempo, Laval toma contacto com o antigo pessoal da Terceira República, batendo à porta dos antigos conselheiros gerais para constituir por escolha as novas comissões administrativas nos departamentos.

Assim situado, e tendo sobre as espaldas a premente exigência de mão de obra, a enviar para a Alemanha, busca a todo o transe a aliança com grupos sindicalistas amoldáveis, sobrados das dissolvidas Confederação Geral do Trabalho e Confederação Geral dos Trabalhadores Cristãos, depois de falhada a tentativa da Legião dos Combatentes nos Congressos de Maio último em Lyon para organizar as classes operárias. Os jornais falaram de 1.500 «comités» sociais já constituídos por esses sindicalistas, e sabe-se que da reunião de Paris, a 7 de Junho,

saiu um «comité» de 18 membros, composto em maioria por elementos da antiga C. G. T., que lhe deram carta branca para o recrutamento da mão de obra. Ninguém sabe o que isto vale. Mas Laval apela para as colaborações nacionais em massa, para a captação popular. É a reversão total do maurrasismo, em nome da conservação da República socialista e estatista, e da política de colaboração com a Alemanha. A Inglaterra e aos Estados Unidos promete vagas condescendências. Washington, por exemplo, transigiu com elas na Martinica e em Marrocos. Weygand e Giraud, arabos metidos na casa do primeiro destes generais em Antibes, estão impossibilitados de agir. Darian não é mais que ilaqueado em Paris.

Assim realizou Laval em parte, e procura levar a cabo, a sua vasta e habilidosa manobra política.

E que tem ele contra si, quais os seus únicos perigos? Eles existem, indubitavelmente, e melhor

## Os DENTES só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



# PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbocida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não masoara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. NAS FARMACIAS E DROGARIAS

que ninguém os conhece o homem que é hoje senhor dos selos de Vichy.

Em primeiro lugar, é preciso que não surja um incidente de guerra que o obrigue a tomar uma posição contra os Aliados por obediência do «Eixo».

A divisão profunda da opinião popular francesa é bastante para provocar um incêndio. Os jornais clandestinos que pululam em França, todos redigidos com extrema violência, invocam o «Ça Ira». Mas Laval conta ainda iludir os Estados Unidos, e até hoje os acontecimentos têm-lhe dado razão, a ele que, como se vê, sabe aproveitar bem as tréguas para se reforçar no poder.

Em segundo lugar, precisa de amaciar a opinião pública com paciência. Uma propaganda subterrânea espalha, contra o enervamento geral dos que sofrem, a ampla insinuação de que «a fome é devida ao bloqueio dos americanos e ingleses» e de que «a França não deve pender para lado algum, mas tem de entender-se com a Alemanha que é a mais poderosa no continente». É certo que há resistências. Em 30 de Junho de 1942 havia na Alemanha 170.800 operários vindos de França, 57.000 dos quais estrangeiros. Durante o mês de Junho partiram mais 8 a 10 mil. Na semana seguinte ao discurso de Laval, as inscrições foram apenas de 5.595, mas de 4 a 11 de Julho, desceram a 4.910 e em todo o mês não subiram a mais que 5.000. Quanto falta, a tal ritmo, para os 350 mil pedidos pela Alemanha? A propaganda oficial, no entanto, não pára. Centenas de fábricas foram fechadas, e os recrutamentos incidem na massa enorme do desempregado. A ideia da troca de braços por prisioneiros, é outro tema utilizado por ela. Mas por outro lado a promessa de uma elevação de salários aos operários emigrados foi rejeitada pelos alemães. A crise dos abastecimentos agravava-se. E é talvez este o pior dos precalços para Laval. Leroy Ledaurie e Bonnefous, os homens dos aprovisionamentos, são os primeiros a clamar contra a falta de gorduras, legumes e pão. Que sairá daqui?

Num artigo oriundo de Vichy, que o «Primeiro de Janeiro» reproduziu há dias sob o título «A alimentação está sendo feita em França à custa dos «ersatz», lia-se: «Algumas das razões apresentadas pelo Professor Richet, vencedor do Prémio Nobel, devidas às quais a população francesa já

perdeu 180.000 toneladas de peso, são os bifés-de-serradura, o café de flor de lotus, as salsichas plásticas e o açúcar «forest». Com certeza que o célebre Alice no País das Maravilhas não viu coisas mais fantásticas do que o que vê actualmente qualquer visitante no Hotel Florida, em Vichy. Ali, no laboratório de «ersatz» do Governo, famosos cientistas franceses trabalham infatigavelmente, com o fim de inventar substitutos dos alimentos, que são requisitados pelos alemães ou que não conseguem atravessar o bloqueio aliado.»

Tornamos a perguntar: — o que sairá daqui?

Outro perigo existe, porém, para Laval. Se um rompimento com os Aliados o vigia, éle não conseguirá ainda fazer dissipar a ameaça das desconfianças da Alemanha e da Itália.

SUSPEITAS E ROSNIDOS

Desde Março, tóda a imprensa alemã e tóda a imprensa fascista ruíam sornatamente neste tambor. Mario Appelius escrevia a 22 desse mês no «Popolo d'Italia»: «Esse espírito de desforra, bem típico de franceses, não está de harmonia com os interesses da França e com a pacificação da Europa; mas a inteligência francesa não compreende a relação íntima entre o destino da França e o da Europa». Schneider, no «Berliner Boersen Zeitung» de 3 de Abril, dava o mesmo tom: «O francês médio nada aprendeu dos acontecimentos de Junho de 1940. A ideia inquietante duma ameaça bolchevista à Europa e à própria França, fá-lo encolher os ombros. Qualquer tentativa destinada a excitar a sua hostilidade aos ingleses e americanos tinha por completo. E quanto às possibilidades da Nova Europa, é perante elas cego e surdo».

Os comentários que se seguem à ascensão de Laval à plenipotência dos poderes, não são menos eloquentes. Alemães e italianos não desconhecem que Laval não é popular no seu país, e embora éle faça reaparecer esperanças, verificam a dificuldade das suas tarefas. O «Voelkischer Beobachter» de 20 de Maio deste ano dizia: «A questão primordial que ainda hoje põem a si mesmos, humanitária e sentimentalmente, os franceses, é sem dúvida a da chamada liberdade. É ela que determina a atitude do francês-médio a respeito do trabalho, da profissão e da guerra. Os homens responsáveis pelos destinos da França de hoje devem contar com este triste estado de espírito.»

Logo depois, a 20 de Julho, Fritz Stern, no «Deutsche Allgemeine Zeitung», verificava: «Laval não é o homem das massas populares. A pseudo amizade tradicional com a Inglaterra — tóda teórica e contrária à realidade histórica — perturba ainda muitos cérebros. Laval teve a coragem de dizer a sua opinião com clareza e sem rodeios. O que provocou desconfianças e afastamento de muita gente». O presidente do governo declarara rotundamente, como é lembrado, que deseja a vitória da Alemanha, e embora tendo à sua disposição formidáveis meios de força, entre os quais os das concentrações militares em Vichy, nin-

guém lhe negará o desassombro de dizer em alta voz a que outros nem em murmúrio se atrevem a confessar. Stern fazia-lhe essa justiça, mas acrescentava: «Chocava-se sempre com a mesma desconfiança, cheia de reticências, críticas numerosas contra os novos métodos, cujas razões profundas facilmente se percebem; com os mesmos meios irónicos cépticos dos operários franceses que, fiéis à velha ideologia comunista, não querem deixar-se recrutar para a vitória alemã». Assim, continua éle, foi muitas vezes necessário empregar a maneira forte. Em certos cafés dos Campos Elíseos, onde uma juventude algo duvidosa se reunia, a polícia teve de fazer rugas, e quem não provou andar empregado ou a estudar, foi mandado para acampamentos ou para centros de estudos profissionais.

Todavia Laval tem de facto correspondido ao esforço que a Alemanha exige. A 16 de Agosto, informava a United Press de Argel haver lá chegado uma missão alemã para recrutar em Marrocos 150 mil trabalhadores, franceses e indígenas. Também nesse mês fechavam-se as negociações com Berlim para o desenvolvimento da produção de explosivos. A lei de 13 do corrente sobre a utilização da mão de obra francesa admite o recrutamento dos próprios estrangeiros sob penas que vão a 5 anos de cadeia e 3 mil francos de multa. E a D. N. B. escrevia a 17 de Agosto este comentário do seu redactor diplomático ao último discurso de Laval: «Na Alemanha, mostra-se compreensão pelas dificuldades a que Laval aidiu. E pensa-se, tendo em conta as possibilidades permitidas pela guerra, transferir de Vichy para Paris grande número de autoridades governamentais francesas. A ordem nova no interior da França é uma questão especificamente francesa, que exige profunda convicção. Pierre Laval e Pétain proclamaram a sua vontade, a este respeito. E onde há boa vontade, também há caminho».

Não se suponha, porém, que a Alemanha ou a Itália renunciaram aos seus pontos de vista. Virginio Gayda, ainda a 28 do mês passado, no «Giornale d'Italia», recapitulava as «conclusões impreteríveis do espaço vital italiano» e não só não restringia nada mas ainda ampliava tudo, a liberdade no Mediterrâneo, o acesso livre aos oceanos, territórios coloniais ferreiros, na África Oriental e Ocidental e na África do Norte, a Dalmácia, Malta, o desmantelamento de Gibraltar e Suez, todos os antigos domínios turcos «que a França ocupou fraudulentamente na costa e no interior». Na Alemanha há um trabalho idêntico. As edições Hunenburg, de Estrasburgo, acabam de publicar uma obra documentada para provar que a Borgonha «é um país de destino alemão». E o prof. Robert von Roosbroeck fez aparecer na editorial de Eugen Diederich, em lena, na série de Estudos Flamengos, a sua «História das Flandres», tóda orientada na prova do «carácter germânico» dessas províncias. Na Alsácia e na Lorena, o esforço é evidentemente mais forte.

A desconfiança é, pois, persistente. O «Essen Zeitung», o órgão de Goering, desenvolvia em artigo de fundo, a 25 de Junho deste ano, que a França, pelo menos desde as guerras napoleónicas, deixou de ser uma grande potência e que mesmo a conquista do seu império colonial foi uma abdicção. «A derrota de 1940 — acrescentava —

reduziu a França a total impotência. Mas desta vez o vencedor foi assás generoso para não querer eternizar esta situação e estender a mão ao vencido para o levantar, dando à França a possibilidade de voltar a ser progressivamente uma grande potência, talvez até uma potência mundial. No entanto, os acontecimentos provaram que até hoje só um punhado de homens o souberam compreender e apreciar, ao passo que a grande maioria do povo francês não está pronta ao esforço e aos sacrifícios necessários ao advento do seu futuro».

Um jornal de Milão narrava há pouco este episódio: «Um navio francês vindo de França chegou na semana passada à Tunísia com numerosas caixas de mercadorias. Na maior parte delas, não encontramos traços com evidente endereço às autoridades italianas de fiscalização estas palavras ultrajantes: os leões de Verdun sob o controle dos coelhos de Caporetto. Não procuramos saber se o desconhecimento que rabisou tal frase, sob as indulgentes vistas das autoridades francesas que viajavam o embarque, é um idiota ou um inconsciente; basta relatar o episódio para demonstrar mais uma vez qual é o estado de espírito da França. E todavia os acontecimentos de Junho de 1940, a derrota de todo o exército, deveriam ser mais que suficientes para chamar à razão os franceses. Mas a França é sempre a mesma». A alusão a Caporetto é injusta porque os antigos aliados da Itália também lá foram batidos, e tanto que Weygand teve de acudir ao Piave.

Mas isto não obsta a que a tarefa de Laval seja de cada vez mais difícil.

REPERCUSSÕES AO LARGO

A autoridade do governo de Vichy encontra-se, no entanto, ainda intacta em duas regiões de alto valor dominante para os beligerantes: na África do Norte e em Dakar sobre a costa atlântica

da África Ocidental. O novo golpe expedicionário contra Madagascar, pela Inglaterra e pelos Estados Unidos (e é de lembrar que no dia 22 se noticiou a chegada de tropas norte-americanas à África do Sul), privou, é certo, o governo de Laval de um grande elemento de auxílio à sua política de «dessejo da vitória da Alemanha». Mas, apesar de Marcel Déat, a 8 de Setembro, no «L'Œuvre», asseverar, reclamando mais rigor nas repressões, que «o gaullismo se encontra por tóda a parte, nas administrações civis, na polícia e no exército, na zona não-ocupada e na África do Norte» e que «Laval se encontra terivelmente só», não é menos exacto e verdadeiro o facto que acima se aponta, acerca dessas posições essenciais. Assim se compreende que numa conjuntura como a actual, em que a guerra, mórmente depois da belligerência brasileira, ganha especial interesse no Atlântico Sul, fossem reforçadas as defesas de Dakar quando as tropas americanas eram aclamadas em Leopoldville à sua chegada no Congo Belga. E é de lembrar que já a 28 de Agosto, os engenheiros franceses a pedido dos alemães (segundo telegrama da agência de

(Conclue na página 16)



GAYDA



PÉTAÏN

Leite Materno

Não há nada que o substitua e tódas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

GOSTO AGRAVABILÍSSIMO. EFEITOS IMEDIATOS.

À venda em tódas as Farmácias

Prevenção: Rejeitar imediatamente, por falsificação, tóda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registada, de garantia:





Em virtude da declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália, produziram-se no Rio de Janeiro — como a foto nos revela — clamorosas manifestações populares contra o «Eixo», nas quais a multidão, no seu fervor patriótico, destraldava bandeiras das Nações Unidas.



Passou há dias mais um aniversário da morte do Dr. António Martins, o falecido campeão de tiro que foi um dos mais completos homens de desporto que Portugal tem tido até hoje. Solenizando esse aniversário fúnebre, um grupo de amigos do extinto foi em piedosa romagem ao cemitério do Alto de S. João, em visita as seus restos mortais.

# HISTORIA DA NOVA GUERRA

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 11)

a realização dos desígnios germânicos. Entre outras medidas, tomadas em estreita colaboração com o governo de Berlim, o governo búlgaro decretou uma mobilização em larga escala. O governo de S. M. está assim habilitado a concluir que o governo búlgaro, longe de desejar manter a neutralidade do país, se prepara para cooperar activamente com a Alemanha no actual conflito. Se outros sintomas evidentes desta cooperação se tornassem necessários, bastaria lembrar que o governo búlgaro acaba de tomar a iniciativa de romper as relações diplomáticas com a Polónia e os Países Baixos — todos aliados da Grã-Bretanha, os quais tinham, até há pouco, os seus representantes devidamente acreditados em Sofia.

«Ao governo de S. M. não interessa conhecer quais os passos que o governo búlgaro se propõe dar para proteger o seu país contra o perigo externo, real ou imaginário. A Grã-Bretanha encontra-se, porém, em estado de guerra com a Alemanha. E não pode, por isso, deixar de tomar uma atitude perante a presença, em quantidade sempre crescente, de tropas alemãs no território búlgaro, com o objectivo a que já me referi, e perante a dependência em que o governo búlgaro se colocou da política alemã.

«Nestas condições, o governo de S. M. é de opinião que deve considerar incompatível a situação actual com a manutenção de relações diplomáticas normais entre o meu país e a

Bulgária. Recebi, por isso, instruções precisas para deixar o território deste país bem como os membros da missão diplomática que dirijo. Peço que me sejam dadas as necessárias facilidades para que eu e o pessoal que trabalhava sob as minhas ordens possamos deixar a Bulgária».

Assim a Grã-Bretanha, particularmente atenta ao que se passava nos Balcans, decidiu cortar as relações com a Bulgária. Este país passou a girar definitivamente na órbita das potências do «Eixo» e especialmente na órbita do Reich.

## UM ATENTADO NO PERA PALACE

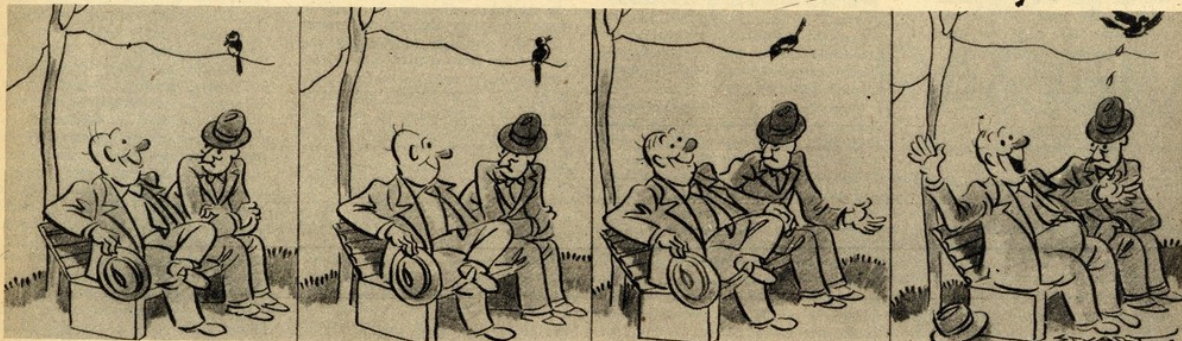
Em 10 de Março, o sr. Rendell e o pessoal da legação abandonaram Sofia, em caminho de ferro, dirigindo-se a Iztambul. Chegaram a esta última cidade na tarde do dia seguinte. Aquêlê diplomata britânico, logo que desembarcou, foi ao hotel Pera Palace, afim de marcar aposentos para si e para os seus mais categorizados subordinados. Alguns destes demoraram-se algum tempo no átrio do referido hotel, afim de procederem à separação das bagagens que transportavam. Quando realizavam esta tarefa ouviu-se uma enorme explosão que abalou o edificio até aos alicerces. Duas senhoras que faziam parte da comitiva do sr. Rendell, a sua dactilógrafa e a dactilógrafa do adido militar inglês em Sofia, caíram atingidas mortalmente.

Mais quatro pessoas, entre elas dois polícias de nacionalidade turca, morreram em consequência da explosão. Houve, além destes mortos, diversas pessoas feridas. Entre estas contavam-se alguns funcionários da legação britânica na Turquia, e o governo deste país, mostraram-se vivamente impressionados com o que se passara. Não faltou quem atribuisse o atentado às organizações revolucionárias da Macedónia, já conhecidas por episódios semelhantes.

A intervenção da Bulgária, embora de maneira indirecta, vinha dar um alento novo ao nacionalismo macedónio. A viagem do sr. Eden e do general Sir John Dill terminara por um malôgo. A Jugoslávia e a Grécia iam sentir o peso da máquina militar do Reich. A primeira ainda procurou negociar, embora sem qualquer resultado positivo. A segunda estava de antemão condenada à derrota e à partilha desde que, contra ela, se erguiam as nações balcánicas que em relação à Grécia tinham reivindicações territoriais.

(Continua)

# UM HOMEM EXCEPCIONAL *por Stuart Carvalhais*



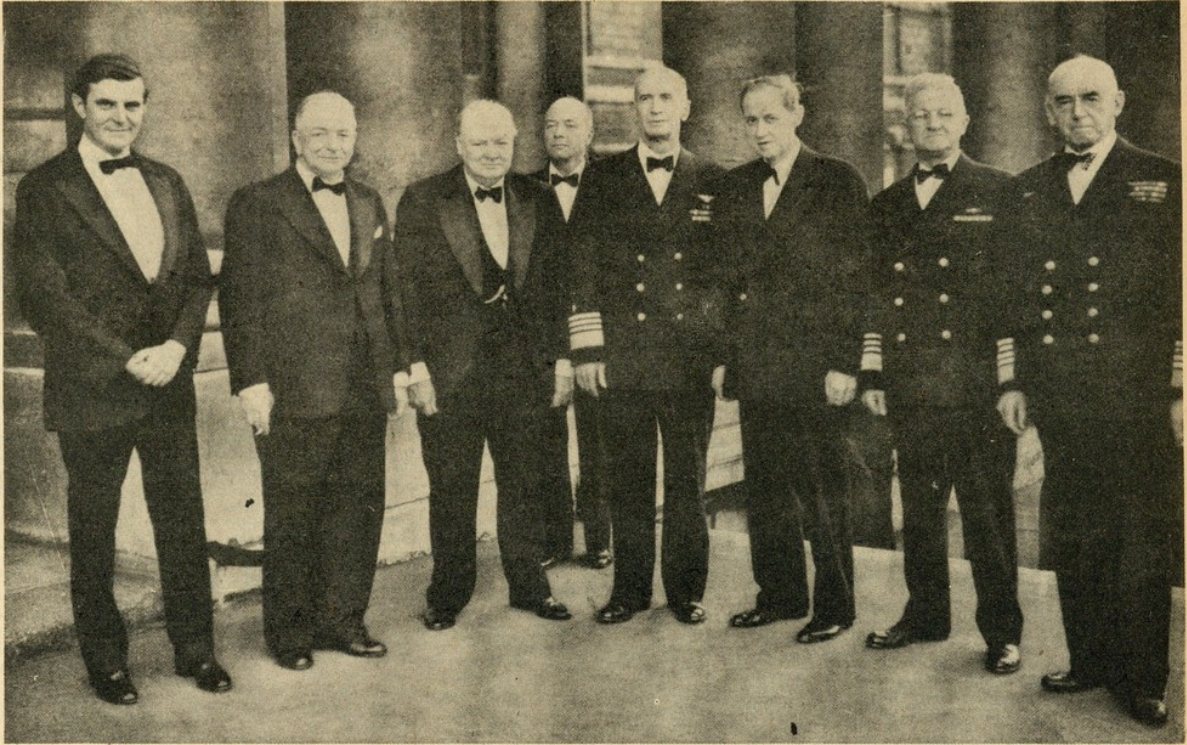
— O senhor nunca se zanga com a sua mulher?  
— Não, senhor.

— Não tem sensaborias com os criados?  
— Não, senhor.

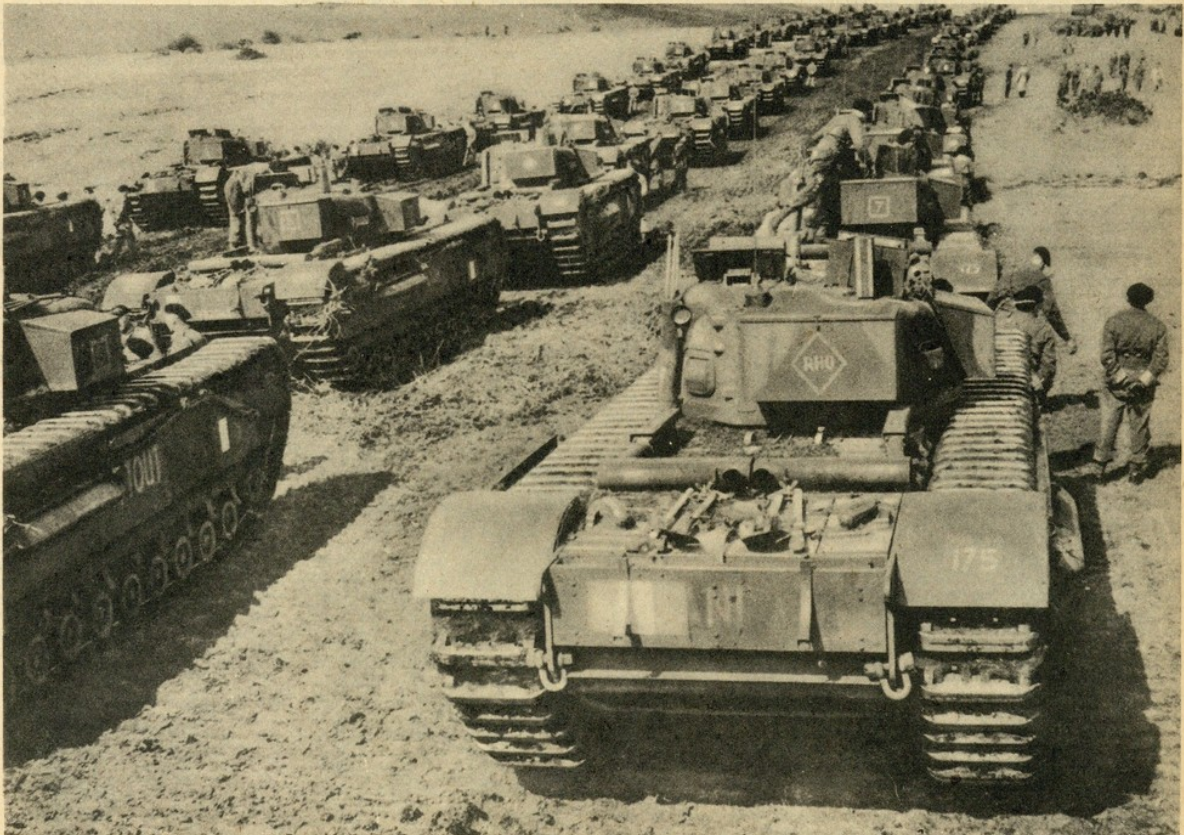
— Não se apoquenta com as impertinências e as doenças dos seus filhos?  
— Não, senhor.

— Mas, meu caro amigo, você é um homem excepcional!  
— Pudera! Se sou solteiro e vivo sózinho há cinqüenta anos!





São estes os homens que dirigem a guerra nos mares. Esta foto é de um extraordinário interesse histórico. Nela se vê o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha junto dos chefes das esquadras do seu país e dos Estados Unidos. No grupo, a partir da esquerda: John Winant, embaixador americano em Londres; Alexander, Primeiro Lord do Almirantado; Churchill; William Bullitt; Almirante Ernest King, chefe da esquadra dos Estados Unidos; Harry Hopkins; Almirante Harold Stark, comandante das forças navais americanas na Europa; e almirante inglês Sir Dudley Pound, Primeiro Lord do Mar.



O potencial de guerra da Inglaterra aumenta de uma forma extraordinária todos os dias. O número do seu material cresce a olhos vistos. A Grã-Bretanha prepara-se assim para conquistar a superioridade militar que lhe há-de permitir, num futuro possivelmente próximo, fazer a invasão do continente, travando a sua decisiva batalha contra a Alemanha. Vejam os leitores este desfile dos famosos «tanks» «Churchill», que as suas fábricas estão produzindo num trabalho incessante de dia e noite.

# PANORAMA INTERNACIONAL

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 15)

Vichy publicado na nossa imprensa), estavam a estender a linha férrea transaariana «em direcção a Dakar, pórtio estratégico do Atlântico Sul, à razão de cerca de um quilómetro por dia». Estas expressões tomam singular vulto, se as ligarmos à mobilização geral do exército brasileiro, reforçado por dezenas de milhares de americanos treinados e equipadíssimos, e aos boatos de expedições à fronteira costa africana onde existem ou podem vir a existir bases inimigas.

De facto, os seguintes pormenores iluminam vastamente o caso: «Essa linha férrea será a linha de comunicações desde o Mediterrâneo ao Níger e completa um caminho desde a base naval francesa do Mediterrâneo, Oran, até Dakar, o pórtio africano mais perto da América do Sul. Tal linha de comunicações seria adequada, também, em futuras operações, para a defesa de Dakar e da África Ocidental Francesa, e para a possível reconquista das colónias africanas perdidas, se a guerra durasse tanto, que desse tempo.

«A linha férrea transaariana será a coluna vertebral da futura defesa militar da África Francesa e será também a linha vital do comércio francês e da expansão colonial. Vichy está de alma e coração a ajudar os alemães na sua construção. Há grande falta de aço em França, onde, a maior parte do que se produz é requisitado para a indústria de guerra alemã, mas o valor militar e estratégico do transaariano é tão grande que as autoridades militares alemãs não só estão a fazer pressão para que os franceses a construam depressa, e antes do fim deste ano, como ainda forneceram prioridades para a obtenção de carris, a fim de que o trabalho continue activamente».

O marechal Pétain, ao receber no dia 17 deste mês os delegados dos Corpos dos Offícios, disse que o seu maior desejo é chegar ao tratado de paz com a França unida, mas é lícito perguntar se os acontecimentos, no sentido em que rolam, abrem tão fagueiras e patrióticas perspectivas. O recente «raid» de forças do 8.º exército de Alexander sobre Bengazi, percorrendo 800 quilómetros por detrás das linhas de Rommel, prova que outros são possíveis das forças aliadas que se acumulam na África Ocidental, até à costa da Líbia e à fronteira da Tunísia, da Argélia e de Marrocos.

Cordell Hull, falando em Washington no dia 22 aos jornalistas, aludindo às relações com Vichy, na sequência dos últimos acontecimentos, disse — quasi pelos mesmos termos em que o fizera a 27 de Agosto — que as negociações prosseguem na Martinica, principalmente sobre assuntos económicos e que pôr isso mesmo, dado o número deles, se tornavam mais morosos. Eis o que é estranho. Algo se passará por detrás da cena. Não deve, na verdade, olvidar-se que naquelas primeiras declarações referia-se às comunicações das ilhas e a questões que «particularmente interessam a armada dos Estados Unidos». O caso de Madagascar é certamente lembrado pelos negociadores deste

acórdio, talvez propositadamente demarcadas em relação aos sucessos da guerra e especialmente ao seu drama central: a campanha alemã na Rússia.

## O «FÜHRER» FALOU



HITLER

...E sobre este acto central vinham cair as palavras de Adolfo Hitler ao terminar o mês de Setembro. No dia 30, os vespertinos dispersavam por voz das agências uma notícia quasi inespérada: «O «Führer» está a falar». Há cerca de oito dias, de Berlim, dissera-se a respeito da batalha do Volga: — é a decisão final. Na véspera do dia em que Hitler orava, despachos da mesma origem concluíam: — é já a derradeira fase.

Não podia dizer-se que ao quadro das estações radioreceptoras o mundo aconchava os ouvidos à espera das frases do chefe, símbolo e senhor do Terceiro Reich. Era, de facto, uma surpresa. Eden dias antes descrevera um sistema de reivindicações acerca da restauração das nações dominadas. Pouco excedia das fronteiras, dos princípios, mas — como se tinha lido já em textos oficiais do Foreign Office — havia nas suas declarações uma ratificação de compromissos em que, especialmente, as nações do leste europeu, claramente respiravam os seus naturais direitos colectivos.

Hitler deixou à margem a questão. Posta a questão de vencer ou não vencer, não são positivamente esses direitos que obstruem ou entorpecem as jornadas guerreiras do Terceiro Reich. Se este sai vitorioso, a esses povos (checos, polacos, húngaros, eslovacos, jugoslavos) sómente sobra um caminho: — o de se enquadrarem na Nova Ordem.

Esta Nova Ordem encontrou na invasão da Rússia uma barreira. O inéxito da batalha de Moscovo no ano passado fez com que ela não pudesse ser transmontada. E Hitler, subsequentemente à sua assumpção ao alto e supremo comando, depois da demissão de Von Brauchitsch e dos oficiais generais seus colaboradores, veio explicá-lo ao Reich, tomando sobre si as grandes responsabilidades, num rasgo que, diga-se o que se disser, lhe medem a estatura, a audácia e o grau de visão.

Agora, o «Führer» adoptou outro método. Em vez de, como fizera antes, apresentar os objectivos de uma acção futura, determina e esclarece diante do povo alemão aqueles que orientam a acção passada e justificam a actual. E é esta, substancialmente, a parte importante do seu discurso. Assim, cabe excerptar dele o seguinte passo:

«Depois começámos a nossa grande ofensiva. O objectivo era: — primeiro, apamhar o inimigo pelas costas nas regiões do trigo; em segundo lugar, tomar-lhe os últimos restos do carvão com o qual podia fazer coque; terceiro, aproximarmo-nos das suas regiões petrolíferas, ocupar-lhes as suas comunicações. A ofensiva devia

então prosseguir no objectivo de cortar ao adversário a sua última artéria de comunicação: o Volga. Durante esta operação tivemos como objectivo a região situada entre a foz do Don e do Volga, e como cidade a de Estalinegrado. Isto, não pelo facto dela ter o nome de Estaline, mas porque essa cidade constitue um ponto estratégico importante, e ainda porque temos perfeitamente em conta que depois de excluídos o Dniepper, o Don e o Volga como artérias de comunicação na Rússia se criaria a mesma situação, senão pior, caso Alemanha perdesse o Reno ou o Danúbio. Com efeito, esse grande rio transporta durante seis meses mais de 30.000.000 de toneladas de mercadorias. Isto representa a mesma quantidade transportada, durante um ano, sobre o Reno. O Volga e as comunicações sobre esse rio estão cortadas e isto desde há muito. Actualmente, trata-se em particular da situação de Estalinegrado, que também vai ser liquidada. Com efeito, essa posição será conquistada e fortificada. Podeis estar convencidos que ninguém será capaz depois de nos desalojar. No que respeita a outros objectivos a atingir, compreendereis que não falei deles porque se trata de objectivos a realizar ainda. Mas chegará a hora em que a nação alemã tomará conhecimento desses objectivos. Posso afirmar-vos que a missão de que nos encarregamos é, evidentemente, a organização desse espaço gigantesco que dominamos».

A leitura deste trecho mostra meridionalmente em relação ao que Hitler pretendeu, o que na ofensiva actual foi conseguido, isto é, a ocupação territorial de regiões produtivas, o domínio de grandes vias de comunicação fluvial no sul. Não é a capitulação de um exército inimigo. Aqui explicámos o que na teoria estratégica dos grandes mestres de guerra da Alemanha, os Clausewitz e outros, isso quer dizer. É arrebatado ao inimigo meios de resistência, admitindo, porém, quando ele não pode ser destruído — e o estado maior alemão admite-o com inteligente serenidade — que a guerra continua.

## REVERTENDO AO TEMA



WILKIE

A consequência destas premissas aparece no texto apelativo de Moscovo ao povo russo, que nos meados de Setembro recomendava que ele aceitasse privações, em face da ocupação das regiões carboníferas, além de outras carências derivadas de zonas de produções importantes, embora (e os alemães sabem-no e citam-no nas suas revistas técnicas e jornais) a região fabril do leste russo, à quem e além do Cáspio active as laborações. E aparece também na sensacional declaração comunicada por Wilkie à imprensa estrangeira em Moscovo, depois das suas conferências com as entidades oficiais, documento que reproduzimos, porque é constituido, da mão do de-

legado oficial de Roosevelt, e depois da viagem de Churchill à capital russa (até em correlação às afirmações apimentadas de sarcasmos com que Hitler se reportou aos projectos de estabelecimento de uma nova frente, pelas Nações Unidas) um texto de carácter histórico para a determinação do rumo e ponto em que a política dos Aliados vai navegando:

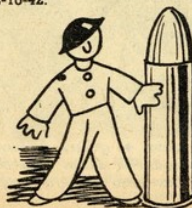
«Estou agora convencido que o nosso melhor auxílio será dado com o estabelecimento de uma 2.ª frente na Europa, tão rapidamente quanto os nossos chefes militares lhe possam dar a sua aprovação. É possível que alguns desses chefes precisem ser incitados a isso pelo público. No próximo verão talvez seja demasiado tarde. Os relatórios dos serviços militares russos demonstram que os poucos ataques aéreos que temos realizado contra a Alemanha, têm tido efeito entre o povo alemão. A Rússia quer, porém, ataques aéreos feitos pela Inglaterra contra a Alemanha, todas as noites, com mil aviões. Cinco milhões de russos foram mortos, feridos e dados por desaparecidos nesta guerra. 60 milhões de russos pelo menos, são agora escravos em território soviético ocupado por Hitler. Os alimentos na Rússia este inverno serão escassos, ou talvez pior do que isso. O vestuário quasi já não existe, a não ser para os operários das indústrias de guerra. Deixou já de existir muito material sanitário. Apesar de tudo isto, nenhum russo fala em abandonar a luta».

É claro que, embora provida por uma organização cuja minúcia é predicada da técnica alemã, há no novo do Reich, como no povo inglês e até na massa enorme do povo americano, carências similares, provocadas pela guerra. As coisas são, porém, o que são, e as palavras de Wilkie valem bem, a respeito da Rússia, as repentes recomendações de Goebbels ao espírito de resistência dos alemães.

Estas oitavas terminam na face bigêmea de uma incerteza, com os dois maiores exércitos do mundo dependendo forças ao cabo de cinco meses de morticínios, diante de objectivos estratégicos às primeiras lutas das últimas estações do ano, que já romperam ao norte, na frente do Istmo da Carélia, onde se abriram os primeiros quartéis de inverno.

Foi nesses dias que Wilkie, delegado de Roosevelt, conferenciava horas e horas no Kremlin com Molotov, redatando o fio das conferências de Churchill. Variações, como se vê, sobre um mesmo tema: a ofensiva geral, passados, desde o dia 16, os últimos 20 dias do prazo misterioso que foi marcado por Lord Lyttelton, ministro inglês da produção...

2-10-42.





Na sua luta contra os exércitos soviéticos, as tropas italianas têm tido uma participação activa, batalhando sem cessar tanto nas estepes do Don como nas montanhas do Cáucaso. Nesta foto vemos um grupo de «camisas negras» procurando conquistar a todo o custo uma posição que os russos defendem encarniçadamente.

Vida  
MUNDIAL



Realizou-se, há dias, a posse do gabinete do Comando Distrital de Lisboa da Legião Portuguesa. A foto dá-nos um aspecto da cerimónia, vendo-se ao centro, o sr. dr. João Pinto da Costa Leite (Lumbrães), Presidente da Junta Central, e, em segundo plano, o sr. tenente-coronel Coutinho de Castro, comandante distrital de Lisboa.



No Museu de Arte Antiga inaugurou-se recentemente uma interessante exposição de cerâmica, em que ficou bem pôsto à prova o merecimento dos operários portugueses que laboram nessa indústria. Na foto, o sr. Ministro da Instrução visitando o certame. A seu lado, o dr. Reinaldo Santos e o escultor António Couto.



Com a entrada do outono, Lisboa foi assolada, há dias, com um violento temporal. Além de grossa chuva, desabou sobre a cidade, arrastando tudo na sua fúria ciclópica, uma furiosa ventania de ciclone. Houve cheias, árvores derrubadas, devastações várias. Aqui vemos, por exemplo, uma das árvores da Avenida da Liberdade impiedosamente deitada por terra.



Durante o festival da F. N. A. T. na «Trinidade», o sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações faz entrega de um prémio a um dos contemplados no concurso literário organizado por aquêlê organismo.



# 1942

O

VINHO do PORTO

*dos velhos tempos—corre*

*o País autenticado pelo*

SÊLO de GARANTIA





Têm estado em Portugal, a disputar vários jogos, alguns internacionais do «tennis». Entre êles, alguns campeões espanhóis. A foto mostra-nos um aspecto do almôço oferecido pelo Secretariado da Propaganda Nacional aos jogadores do país vizinho, no Círculo Eça de Queiroz. Ao centro, vê-se o sr. António Ferro.

*Figuras da Vida*  
**MUNDIAL**



Pierre Laval, chefe do governo de Vichy, o homem sôbre cujos ombros pesa, neste momento crucial do mundo, a responsabilidade histórica dos destinos da França.

(Caricatura de Santana)

SANTANA



A batalha no Cáucaso é rude. A luta trava-se por vezes a mais de 5.000 metros, como no monte de Ebrouz. Para vencer os obstáculos naturais constituídos por montanhas e pelos desfiladeiros cobertos de neve, os alemães mandaram seguir para essa frente russa milhares de esquiadores e caçadores de montanha. São eles os «Diabos brancos» que estão abrindo caminho às tropas motorizadas que avançam...

# Os diabos brancos no Cáucaso



Os «Diabos Brancos», homens de «élite», são esquiadores eméritos. Aqui vemos um deles dando um salto tão espectacular como perigoso. Nos Jogos Olímpico? Não. Em pleno Cáucaso em guerra...



Este processo é extravagante, mas não deixa de ser prático. Devidamente equipados, estes soldados servem-se de uma corda para fazer a escalada da montanha.



Dispersos por desfiladeiros e cumes, os soldados comunicam entre si por meio de aparelhos de sinais ópticos, como este que a fotografia nos mostra.

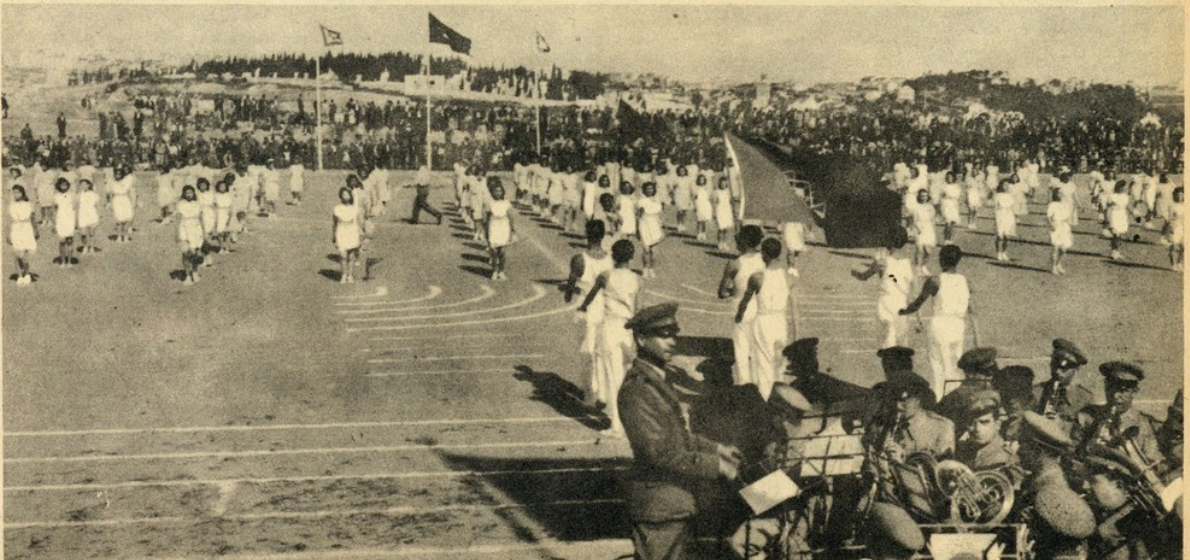
# Vida PORTUGUESA



Tendo seguido, há tempo, para a Alemanha, com outros oficiais do Estado Maior, o sr. capitão Mariano Lopes Pires esteve depois na Rússia ocupada, em viagem de estudo. Aí foi vítima de um acidente, provocado pela explosão espontânea de uma granada incendiária alemã, que lhe causou a morte. O corpo do ilustre oficial português regressou há dias a Lisboa, tendo-se aqui efectuado o seu funeral com tôdas as honras militares. São dessa cerimónia fúnebre as duas fotos que acima publicamos.



Mais um duro golpe acaba de ser vibrado contra a marinha mercante portuguesa que anda nos mares na sua missão de comércio e de paz. Agora foi o lugre «Delães», afundada a torpeda por um submarino desconhecido. Acto de violência contra uma nação que tão escrupulosamente tem sabido manter a sua neutralidade, contra êle protestam indignadamente todos os portugueses. Estas duas fotos mostram-nos: os naufragos quando do seu desembarque em Lisboa, e o capitão do lugre, ao centro, José Nunes de Oliveira Sousa, de Ilhavo.



Um aspecto da imponente parada atlética da F. N. A. T., que teve lugar com grande brilhantismo, no campo da Tapadinha.



*Danielle*  
\* \* \* *Darrieux*  
casou com um milionário

Danielle Darrieux, a grande ingénua do cinema, acaba de casar pela segunda vez... Desta feita com um diplomata e milionário sul-americano, o senhor Porfirio Rubirosa, adido da Legação da República de S. Domingos em Vichy. Danielle, grande figura do cinema francês, conta actualmente 25 anos — e começou a sua carreira de artista aos 14. Foi casada, em primeiras núpcias, com Henry Decoin, director de vários filmes em que foi «estréla»...